

ETIMOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA: INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

Rafaela Cristina da Silva (UnB)

rafacris10@hotmail.com

Gladys Plens de Quevedo Pereira de Camargo (UnB)

gladys@unb.br

RESUMO

A etimologia é a ciência linguística que busca investigar a história das palavras a partir de seus elementos constituintes. Todavia, esta pesquisa pouco se focará nos constituintes de um vocábulo, mas em seu processo evolutivo, desde sua concepção até o seu *status* na contemporaneidade. O léxico investigado teve sua cunhagem ou popularização na literatura em língua inglesa, tendo o dramaturgo William Shakespeare como o maior contribuinte (MALES; MCQUAIN, 1998; DICKSON, 2014). A maioria dos neologismos literários – ou *authorisms* – configuram-se como termos *nonce*, isto é, cunhados para uma utilização pontual, sem estabelecerem-se no léxico (DICKSON, 2014). Igualmente considerando sua utilização no português brasileiro, focaremos na dita minoria que ganhou grande espaço no vocabulário inglês com o auxílio de grandes mestres das letras: Geoffrey Chaucer, William Shakespeare, John Milton, Horace Walpole e Dr. Seuss.

Palavras-chave:

Linguística. Literatura inglesa. Língua inglesa. Etimologia. William Shakespeare.

ABSTRACT

Etymology is the linguistic science that seeks to investigate the history of words from their constituent elements. This research does not aim to concentrate on the constituents of a word, but on its evolutionary process: from its conception to its contemporary status. The investigated lexicon was coined or popularized through English literature, in which the playwright William Shakespeare is the major contributor (MALES; MCQUAIN, 1998; DICKSON, 2014). Most literary neologisms – or *authorisms* – are *nonce* terms, isto é, coined for a punctual use, without establishing themselves in the lexicon (DICKSON, 2014). Also considering their use in Brazilian Portuguese, we will focus on the so-called minority that has gained large space in English vocabulary with the help of great literary masters: Geoffrey Chaucer, William Shakespeare, John Milton, Horace Walpole and Dr. Seuss.

Keywords:

Linguistics. English literature. English language. Etymology. William Shakespeare.

1. Introdução

Na tragédia shakespeareana *Romeu e Julieta*, Julieta Capuleto

enuncia a famosa frase *what's in a name?* (o que há num nome?) para dizer ao amado Romeu Montecchio, pertencente à família rival à sua, que de nada importa o que seu nome carrega, uma vez que ela o ama de toda maneira. Mesmo que uma palavra não tenha muito peso para Julieta, esta análise propõe-se ao oposto: demonstrar, tomando como ponto de partida a literatura em língua inglesa, a importância e força que carrega um nome, uma palavra, um termo ou uma expressão, com suas inusitadas e longínquas histórias e evoluções, bem como apresentar os literatos responsáveis por tais criações ou transformações. Tendo William Shakespeare como principal alvo de discussão, buscamos realizar um breve apanhado de termos e expressões recorrentes na língua portuguesa e inglesa que têm a literatura como responsável por sua origem ou popularização.

2. *Embasamento teórico*

Uma das definições do termo *authorism* [autorismo], é a criação de uma palavra pela literatura, sendo assim, um neologismo literário. Surpreendentemente, independente de sua natureza, menos de 1% das palavras inglesas são inteiramente inéditas¹: a maior parte é formada por componentes lexicais já conhecidos, por exemplo, *assassination*² (assassinato), formada por um termo previamente estabelecido, *assassin* (assassino) e o sufixo francês *-tion*. A maior parte dos neologismos também se configuram como termos *nonce*, isto é, idealizados para uma única utilização pontual, mas é preciso reconhecer – como objetiva esta pesquisa – o espaço de muitos que permaneceram no léxico inglês. Igualmente relevante é ter em mente a extrema complexidade de afirmar com certeza o original criador de um termo, uma vez que neologismos costumam partir do discurso oral e podem tardar a serem documentados. Portanto, até que se tenha notícia de outro, o autor do registro mais antigo contendo um termo ou expressão é tomado como seu neólogo. Dentre os que mais se destacam, segundo o professor de Cambridge, Gavin Alexander³, o poeta John Milton teria introduzido 630 palavras ao léxico inglês, o dramaturgo Ben Jonson,

¹ Disponível em: <<http://www.macmillandictionaries.com/MED-Magazine/April2006/37-New-Word.htm>>. Acesso em: 23-04-2019.

² Checar seção 4.3 desde trabalho.

³ Disponível em: <https://www.christs.cam.ac.uk/why-milton-matters#miltons_range>. Acesso em: 26-03-2019.

558 e William Shakespeare, peça central na presente análise etimológica, apenas 229. Contudo, diversas fontes contrariam Gavin Alexander: segundo elas, William Shakespeare provavelmente teria originado em torno de 1500 palavras, logo ocupando o maior espaço no presente trabalho. (MALLES & MCQUAIN, 1998; DICKSON, 2014)

3. Metodologia

Dada a natureza qualitativa deste trabalho (CRESWELL, 2003; DORNYEY, 2007), buscamos selecionar a maior soma possível de palavras ou expressões que consideramos como possivelmente interessantes ao leitor, seja ele falante da língua inglesa ou não. Dada a extensão reduzida deste trabalho, foi preciso estabelecer atenciosamente quais neologismos eram corriqueiros tanto na língua portuguesa do Brasil quanto na língua inglesa, além de igualmente tomar em consideração o literato tido como seu neólogo, visto que há um número limitado de fontes com informações minimamente aprofundadas sobre o tema: em sua maior parte, fontes omitem o real autor do primeiro registro conhecido do neologismo, prontamente e erroneamente tomando seu célebre popularizador como seu neólogo. Por outro lado, não foi dada importância a um específico período histórico de cunhagem dos termos, uma vez que o trabalho objetiva demonstrar, ademais, a maneira como os elementos do discurso percorreram viagens longas e inimagináveis pelo tempo.

4. Resultados

4.1. Nerd

Apesar de controversa, a teoria mais popular da cunhagem e popularização da gíria *nerd* – recorrente, porém sem tradução para o português brasileiro –, apoia-se no autor e ilustrador infantil Theodor Seuss Geisel (1904-1991) – mais conhecido como Dr. Seuss –, através de um obra de 1950 ainda não traduzida para o português, *If I Ran the Zoo* [Se eu dirigisse o zoológico]. Na obra de Theodor Seuss Geisel, *nerd* é uma das espécies imaginárias de criaturas que o protagonista da história traria para seu zoológico caso dirigisse um (LEDERER, 2012):

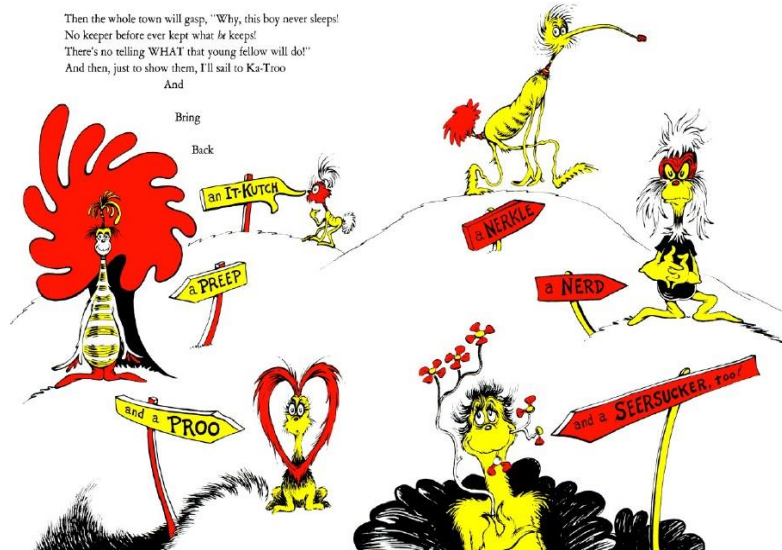


Imagem 1 – *Nerd* e as outras espécies imaginárias. Fonte: SEUSS (1950, p. 28)

A partir da quarta linha: “E aí, só para provar para eles, eu vou viajar até Ka-Troo e trazer um It-Kutch, um Preep e um Proo, um Nerkle, um Nerd e um Seersucker também!”⁴. A obra *If I Ran the Zoo* nada mais detalha sobre o *Nerd* além de uma ilustração de sua aparência na página, mas se acredita que os jovens leitores do livro à época de seu lançamento tenham se apropriado de *nerd* como alusão a uma ‘criatura desagradável e excêntrica’, o que seus irmãos mais velhos teriam adaptado para sua própria classe: um *nerd* seria o mesmo que um *square*, um indivíduo enfadonho e antiquado. (AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2004)

4.2. Serendipity

Dentre as palavras mais queridas na Grã-Bretanha⁵, uma delas tem origem curiosa envolvendo três elementos bastante distintos: o autor do primeiro romance gótico de que se tem notícia, uma narrativa persa de

⁴ Tradução nossa.

⁵ Disponível em: <<https://blog.oxforddictionaries.com/2012/03/30/what-is-the-origin-of-serendipity/>>. Acesso em: 07-01-2019.

1557 e o Sri Lanka. O autor de *O Castelo de Otranto* (1764), o inglês Horace Walpole (1717-1792), em uma carta a seu homônimo educador estadunidense, Horace Mann (1796-1859), cunhou o vocábulo *serendipity* (serendipidade ou *feliz acaso*). A carta narra o feliz acaso em que Walpole descobre o significado de um brasão veneziano, em 1758:

*This discovery, indeed, is almost of that kind which I call Serendipity, a very expressive word. (...) once I read a silly fairy tale, called The Three Princes of Serendip: as their highnesses travelled, they were always making discoveries, by accidents and sagacity, of things which they were not in quest of (...)*⁶.

Essa descoberta, de fato, é quase de natureza do que chamo de *Serendipidade*, uma palavra muito expressiva. (...) uma vez li um conto de fadas bobo chamado Os Três Príncipes de Serendip: enquanto sua Alteza viajava, eles estavam sempre fazendo descobertas de coisas que não pretendiam por acidente e sagacidade.⁷

Na ocasião da escrita da carta, *Serendip*, cunhado por árabes e persas a partir de *Sidhaleepa* [a morada da ilha do leão] era o nome previamente dado por índios à atual ilha Sri Lanka⁸. A cunhagem de Walpole inspirou seu antônimo: em *Armadillo* (1998), o escritor escocês William Boyd cunhou *zemblanity* (sem termo correspondente em português), infeliz acaso, a partir – ao contrário de Serendip – do gelado e estéril arquipélago de Nova Zembla, ao norte da Rússia⁹. Curiosamente, o neologismo de Walpole originou também um termo científico para se referir especialmente à supressão de descobertas científicas: *bahramdipity* (também sem termo correspondente em português), a supressão de descobertas feitas por um feliz acaso. De 1999, *bahramdipity* foi criação do doutor Toby J. Sommer, baseando-se no nome do rei que condena os três príncipes à morte em *Os Três Príncipes de Serendip*, Bahram Gur¹⁰.

⁶ Disponível em: <<https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=serendipity&submit.x=36&submit.y=28>>. Acesso em: 7-01-2019.

⁷ Tradução nossa.

⁸ Disponível em: <<https://theculturetrip.com/asia/sri-lanka/articles/how-did-sri-lanka-get-its-name/>>. Acesso em: 7-01-2019.

⁹ Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2015/01/28/a-short-history-of-the-word-serendipity/>>. Acesso em: 7-01-2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.the-scientist.com/opinion-old/bahramdipity-and-scientific-research-56649>>. Acesso em: 7-01-2019.

4.3. Assassination

A palavra inglesa *assassination* parte da palavra *assassin* (assassino), que por sua vez migrou para o léxico inglês em torno do século XIII a partir do francês e italiano. *Assassin* vem do árabe *hashishiyyin*: *hashish-users* (usuários de haxixe), que são os membros de uma seita muçulmana fanática de origem persa ativa durante as Cruzadas (1095-1291), os quais costumavam comer a planta antes de executarem sangrentos assassinatos políticos a opositores. Nas línguas europeias, o termo já tomou diversas formas, como *assassinì*, *assissini*, *heyyisini*¹¹ etc. O termo inglês *assassination* – Shakespeare apenas acrescentou o sufixo francês ‘-tion’, surgiu impresso por meio de *Macbeth* (MALLES; MCQUAIN, 1998):

*MACBETH: If it were done when 'tis done, then 'twere well
It were done quickly. If the assassination
Could trammel up the consequence, and catch his surcease success; that
but this blow
Might be the be-all and the end-all here,
But here, upon this bank and shoal of time,
We'd jump the life to come. (...). (SHAKESPEARE, 1606, p. 863)*

Em tradução de Manuel Bandeira:

MACBETH: Se o golpe detivesse em suas redes
Todas as conseqüências, e lograsse
Triunfar com a morte dele; se o assassínio
Fosse aqui tudo e o fim de tudo — aqui,
Nestas praias do tempo, eu arriscaria
Minha vida futura. (SHAKESPEARE, 1606/1961, p. 29)

Matthew Sutcliffe (c.1550-1629), reitor de Exeter, na Inglaterra, fez o primeiro uso do verbo ‘assassinar’ no inglês impresso, *to assassinate*: “Yet are they ready to assassinate and murder princes”¹² [“Não obstante, estão eles à disposição para assassinar e matar príncipes”].

¹¹ Disponível em: <<http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Assassins>>. Acesso em: 2-01-2019.

¹² Disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/11733?>>. Acesso em: 27-12-2018.

4.4. Knock, knock! Who's there?

Ainda através de *Macbeth*, uma das piadas mais conhecidas na língua inglesa igualmente apresenta raízes shakespearianas. Apesar de pouco usada, mas relativamente familiar aos falantes de português, a piada de público majoritariamente infantil *knock, knock! Who's there?* [toc, toc! Quem está aí?] surge primeiramente numa cena em que um porteiro do castelo de *Macbeth* simula ser guardião dos portões do inferno e estar recebendo diversos indivíduos lá¹³. Na cena prévia, tendo recém assassinado o rei da Escócia, *Macbeth* ouve batidas na porta e é invadido por terror e culpa. A cena do porteiro e as batidas na porta aludem à mesma situação:

*PORTER: Knock, knock! Who's there, i' the name of Beelzebub
Here's a farmer, that hanged himself on the expectation of plenty:
come in time; have napkins enow about you; here you'll sweat for't.
Knock, knock! Who's there, in the other devil's name?
Faith, here's an equivocator, that could
swear in both the scales against either scale;
who committed treason enough for God's sake,
yet could not equivocate to heaven:
O, come in, equivocator* (SHAKESPEARE, 1606, p. 865).

Em tradução de Manuel Bandeira:

PORTEIRO: (...) Toc, toc, toc! Quem é, em nome de Belzebu? — É um lavrador que se enforcou porque esperava uma boa colheita. — Entra, homem dependente do tempo; e traze lenços em quantidade, porque aqui hás de suar na labuta. (*Batem*) Toc, toc, toc! Quem é, em nome do outro demônio? — À fé, um jesuíta capaz de jurar por qualquer um dos pratos da balança contra o outro prato; que traiu quanto pôde por amor de Deus, mas não conseguiu injuriar o Céu. Entra, jesuíta. (...). (SHAKESPEARE, 1606/1961, p. 41)

É curioso que um monólogo de certo caráter macabro tenha ganhado tamanho espaço no colóquio infantil, além de sua evolução para uma piada. Foi apenas a partir do século XX que a piada se espalhou e tornou-se o que é hoje, livre de referências diabólicas e culposas. O objetivo da piada é que, repetir a pergunta de quem está lá com o nome de quem é perguntado, por exemplo, *It's Ana* (é a Ana), pergunta-se quem é novamente, esperando por mais detalhes, por exemplo, *Ana who?* (Ana quem?), a qual a resposta será um jogo de palavras, um trocadilho, responsável pelo humor da piada. Segundo uma pesquisa do poeta estadunidense William Cole (1919-2000), a cunhagem de William Shakespeare foi vista

¹³ Disponível em: <<https://www.enotes.com/shakespeare-quotes/knock-knock-whos-there>>. Acesso em: 2-02-2019.

humoristicamente, primeiro na Nova Iorque de 1920, num dos encontros do grupo de intelectuais, escritores, críticos e atores, conhecido como *Algonquin Round Table*, que incluía nomes como a escritora e crítica Dorothy Parker (1893-1967), o dramaturgo Marc Connelly (1890-1980) e o humorista e ator Robert Benchley (1889-1945) (DICKSON, 2014). Numa edição de 1922 do jornal *Oakland Tribune*, o jornalista Merely McEvoy adaptou a criação de William Shakespeare numa nova mania: *Do you know Arthur?* (Você conhece o Arthur?), ao que se perguntaria *Arthur who?* (Arthur quem?), seguido da resposta *Arthurmometer!* (algo como Arthurmômetro, um trocadilho com o nome *Arthur* e a palavra inglesa *thermometer* (termômetro)). Permanecendo assim até hoje, foi apenas em torno de catorze anos depois, que as piadas com *do you know?* já haviam voltado ao seu formato original¹⁴. Como disse um colunista de jornal à época: “*You can't turn the radio on anymore without getting one of the Knock-Knock gags*” [Não se pode mais ligar o rádio sem ouvir uma das piadas do toc-toc]. (MACKENZIE, 1936, *apud* LABIANCA, 2019).

4.5. Jessica

O Bardo de Avon também é responsável pela cunhagem de um nome próprio tão recorrente no Brasil quanto em nações anglófonas. *Jessica* (no Brasil, comumente grafado com um acento agudo na primeira vogal) surgiu primeiramente em *O Mercador de Veneza* (c. 1596), onde *Jessica* é a rebelde filha do prestamista judeu Shylock¹⁵. O dramaturgo provavelmente partiu do bíblico *Iscah* (*yisekâh*), que, no tempo de William Shakespeare, escrevia-se *Jescha*. Tanto o significado de *Iscah* quanto de *Jessica* implicam a capacidade de ver o futuro, contudo, uma etimologia mais bem elaborada do nome da sobrinha de Abraão é incerta¹⁶. Até a metade do século XX o nome não havia ainda alcançado a popularidade que viria pouco depois: entre 1981 e 1997, *Jessica* foi o segundo nome mais comum dado a bebês do sexo feminino nos Estados Unidos¹⁷ e o primeiro

¹⁴ Disponível em: <<https://www.msn.com/en-gb/news/offbeat/this-is-the-surprising-literary-origin-of-the-knock-knock-joke/ar-BBSPO0w>>. Acesso em: 2-02-2019.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.behindthename.com/name/jessica>>. Acesso em: 4-01-2019.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/jessica/>>. Acesso em: 4-02-2019.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.ssa.gov/OACT/babynames/decades/names1980s.html>>. Acesso em: 4-02-2019.

na Inglaterra e País de Gales em 2005¹⁸. Personalidades célebres com o mesmo nome incluem as atrizes estadunidenses Jessica Alba, Jessica Lange e a cantora pop Jessica Simpson, além da filha da autora britânica da série de livros *Harry Potter*, J. K. Rowling¹⁹.

4.6. It's Greek to me!

Mais difundida na língua portuguesa e compartilhando de mesmo modo sua popularização pelo Bardo, é a expressão *it's Greek to me* [é grego para mim], que na língua portuguesa adaptou-se para ele(a) está falando grego. Usada pela primeira vez por monges medievais ao copiarem textos em latim, a expressão também denotava desentendimento, quando os monges se deparavam com fragmentos em grego nos textos, aos quais indicavam escrevendo *Graecum est; non legitur*). William Shakespeare fez uso da sentença medieval em *Júlio César* (1599), num trecho em que os personagens Cássio e Casca discutem sobre o discurso do grande orador Cícero:

CASSIUS: *Did Cicero say any thing?*

CASCA: *Ay, he spoke Greek.*

CASSIUS: *To what effect?*

CASCA: *Nay, an I tell you that, I'll ne'er look you i' the face again: but those that understood him smiled at one another and shook their heads; but, for mine own part, it was Greek to me (...).* (SHAKESPEARE, 1599, p. 586)

Traduzido por José Francisco Botelho:

CÁSSIO: E Cícero disse alguma coisa?

CASCA: Sim, falou em grego.

CÁSSIO: E o que ele disse?

CASCA: Bem, se eu responder, contarei uma mentira deslavada; é bem verdade que algumas pessoas entenderam as palavras de Cícero e trocaram sorrisos e assentiram com a cabeça; mas para mim era tudo grego (...) (SHAKESPEARE, 1599/2018, p. 55).

Mesmo que frequentemente atribuída a William Shakespeare, *it's*

¹⁸ Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Jessica_\(given_name\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Jessica_(given_name))>. Acesso em: 4-02-2019.

¹⁹ Disponível em: <https://m.huffingtonpost.co.uk/2014/08/14/jessica-the-meaning-origin-and-other-facts-about-the-name_n_7329508.html>. Acesso em: 4-02-2019.

Greek to me já havia sido proferida pelo poeta inglês George Gascoigne (1535-1577) em 1566, ao traduzir uma comédia italiana de Ludovico Ariosto (1474-1533), *I Suppositi* (1509): “This geare is Greeke to me; either it hangs not well together, or I am very dull of understanding: speak plaine, I pray you” [Esse discurso é grego para mim; ou ele não condiz, ou estou sendo muito leigo: seja claro, eu suplico]. (GASCOIGNE, 1509, *apud* ZIMMER, 2015, s/p)

A mesma peça traduzida por George Gascoigne serviu também como base para William Shakespeare na comédia de 1596, *A Megera Domada*. Ainda que compartilhando semelhante etimologia, outros povos modificaram o idioma mencionado na expressão para o que melhor se adequasse ao nível de maior incompreensão relativa à sua língua materna. Segundo um estudo do linguista estadunidense Mark Liberman, os russos provavelmente se refeririam ao chinês, assim como os gregos, poloneses, hebreus, húngaros e espanhóis. Declarariam é chinês para mim! em suas respectivas línguas. Os chineses, por sua vez, diriam que é uma fala *divina, celeste*, logo incompreensível para simples humanos²⁰.

4.7. Space

Semelhantemente a William Shakespeare, o autor do aclamado poema épico *Paraíso Perdido* (1667) encontra-se entre os maiores neologistas do idioma. O célebre poeta inglês John Milton (1608-1674) teria contribuído com mais de 600 palavras na língua inglesa, as quais John Milton teria sido o primeiro a usar. John Milton teria ultrapassado nomes como Ben Jonson (1572-1637), John Donne (1572-1631) e até mesmo William Shakespeare – embora o Bardo ainda seja a maior referência na cunhagem e popularização de neologismos no universo anglófono. John Milton é responsável pelo neologismo *space* (espaço) – o sentido original referenciando-se a uma área, extensão ou ao tempo, apareceu em torno de 1300 a partir do francês antigo *espace*²¹ – no sentido de ‘espaço sideral’, provavelmente influenciado pelo astrônomo italiano Galileu Galilei, o qual o poeta havia visitado em 1638 (DICKSON, 2014). *Space* aparece primeiramente em *Paraíso Perdido*, numa conversa entre o arcanjo Rafael e Adão

²⁰ Disponível em: <<http://languagelog.ldc.upenn.edu/nll/?p=1024>>. Acesso em: 4-02-2019.

²¹ Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/space#etymonline_v_23940>. Acesso em: 7-04-2019.

a respeito da imensidão do universo comparada à da Terra. Adão enuncia ao arcanjo:

*...this Earth a spot, a graine,
An Atom, with the Firmament compar'd
And all her numberd Starrs, that seem to rowle
Spaces incomprehensible (for such
Thir distance argues and thir swift return
Diurnal) (MILTON, 1667, p. 539).*

Tradução de António José de Lima Leitão:

Acho esta Terra um grão, um ponto, um átomo
Comparada ao sublime firmamento
Com todos esses lumes numerosos
Que parecem girar no espaço imenso
(Que imenso o provam deles as distâncias
E o diurno velocíssimo regresso) (MILTON, 1840/1956, p. 245).

Da cunhagem de John Milton, outras apareceram mais tarde, como *space age* (era espacial), em 1946; *spaceship* (nave espacial), em 1894; *spacecraft* (de tradução semelhante à anterior), em 1928; *space travel* (viagem espacial), em 1931; *space station* (estação espacial), em 1936; *spaceman* (astronauta), em 1942; *space race* (corrida espacial), em 1959 e *space shuttle* (ônibus espacial), em 1970²².

4.8. Love is blind

Com o *Conto do Mercador*, parte da obra-prima do inglês médio *Os Contos de Cantuária* (1387), Geoffrey Chaucer (1340-1400) é outro a introduzir na língua inglesa uma expressão ainda amplamente difundida no século XXI, até mesmo na língua portuguesa: *love is blind* – primeiramente escrita como *love is blynd* em inglês médio – ‘o amor é cego’. O conto narra os desejos de um idoso cavaleiro que enfim decide casar-se com uma mulher muito mais jovem que ele, tornando-se, pouco mais tarde, cego – tanto literalmente quanto metaforicamente. Em certa ocasião em que a jovem o trai, os deuses optam por restituir a visão do idoso para que tome consciência da cena. Ingênuo, deixa-se levar por sua devoção à jovem, que o induz a não acreditar no que seus olhos viram. O seguinte trecho antecipa as desventuras porvindouras da narrativa:

²² Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/space#etymonline_v_23940>. Acesso em: 26-03-2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*But nathelees, bitwixe ernest and game,
He atte laste apoynted hym on oon,
And leet alle othere from his herte goon,
And chees hire of his owene auctoritee;
For love is blynd alday, and may nat see.* (CHAUCER, 1387, p. 118)

Tradução de Clarisse Tavares:

Finalmente, meio a sério, meio a brincar,
Fixou-se numa e, tendo-a escolhido,
Do seu coração banuiu as outras todas.
Escolheu-a por sua própria decisão,
Pois o amor é cego, não consegue enxergar (...). (CHAUCER, 1992, p. 353)

Love is blind é mais um exemplo de dito popularizado pelo Bardo de Avon, tendo-o incluído em *O Mercador de Veneza*, *Os Dois Cavalheiros de Verona* (c. 1589) e *Henrique V* (c. 1599)²³. A expressão permanece com o mesmo sentido que carregou na Idade Média com Geoffrey Chaucer e mais tarde com William Shakespeare. Dentre várias utilizações anteriores, em 2017 a expressão foi título de um videoclipe da cantora pop estadunidense, Fergie. No ano seguinte, a cunhagem de Geoffrey Chaucer foi o título do 15º romance do britânico William Boyd²⁴.

5. Conclusão

De natureza qualitativa, a pesquisa objetivou demonstrar de maneira acessível a interdisciplinaridade do estudo da etimologia e da literatura inglesa. Baseando-nos em alguns de seus grandes nomes, também procuramos expor a contribuição linguística que alguns dos célebres escritores da literatura inglesa exerceram não só em sua língua mãe, mas também na portuguesa, além de alguns termos de origens impensáveis ou longínquas que permaneceram como corriqueiros em nosso vocabulário: dentre diversos mais ainda a serem descobertos pela academia, com o contemporâneo Dr. Seuss, o elisabetano/jacobino William Shakespeare ou o medieval Geoffrey Chaucer.

²³ Disponível em: <<https://www.phrases.org.uk/meanings/love-is-blind.html>>. Acesso em: 13 mar 2019.

²⁴ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2018/sep/03/love-is-blind-william-boyd-review>>. Acesso em: 13 mar 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES. *Word Histories and Mysteries: From Abracadabra to Zeus*. Boston: Houghton Mifflin Company, 2004.

CHAUCER, Geoffrey. *Os contos de Cantuária*. Trad.: Clarisse Tavares. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

_____. *The Works of Geoffrey Chaucer*. 2. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1961.

DICIONÁRIO online do American Heritage Dictionary. s/d. Disponível em: <<https://ahdictionary.com/>> Acesso em: 14-09-2019.

DICIONÁRIO online do Online Etymology Dictionary. s/d. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 14-09-2019.

DICKSON, Paul. *Authorisms: Words Wrought by Writers*. 1. ed. New York: Bloomsbury USA, 2014.

GEISEL, Theodor Seuss. *If I Ran the Zoo*. New York: Random House, 1950. E-book. Disponível em: <<https://fr.scribd.com/doc/139350028/1950-If-I-Ran-the-Zoo-Dr-Seuss>>. Acesso em: 14-09-2019.

LEDERER, Richard. *Amazing Words: An Alphabetical Anthology of Alluring, Astonishing, Beguiling, Bewitching, Enchanting, Enthralling, Mesmerizing, Miraculous, Tantalizing, Tempting, and Transfixing Words*. Portland: Marion Street Press, 2012.

MALLESS, Stanley.; MCQUAIN, Jeff. *Coined by Shakespeare*. 1. ed. Springfield: Merriam Webster, 1998.

MILTON, John. *Paradise Lost*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007. E-book. Disponível em: <<http://down02.putclub.com/virtual/backup/update/Download/Literature/ParadiseLost.pdf>>. Acesso em: 14-09-2019.

_____. *Paraíso perdido*. Trad.: António José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1956.

OXFORD English Dictionary. s/d. Disponível em: <<https://www.oed.com/>>. Acesso em: 14-09-2019.

SHAKESPEARE, William. *Júlio César*. Trad.: José Francisco Botelho.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2018. E-book. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85202.pdf>>. Acesso em: 14-09-2019.

_____. *Macbeth*. Trad.: Manuel Bandeira. São Paulo: Brasiliense S. A, 1961. E-book. Disponível em: <https://kupdf.net/download/william-shakespeare-macbeth-trad-manuel-bandeira_590bd5cbdc0d60ff1d959ec9_pdf>. Acesso em: 14-09-2019.

_____. *The Complete Works of William Shakespeare*. Ware: Wordsworth Editions Ltd, 1996.